

---

# **As ordens religiosas e a construção sócio-política no Brasil: Colônia e Império**

Fábio Gumieiro

Mestrando do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas - Universidade  
Tuiuti do Paraná

---

---

## Resumo

Este artigo trata da realidade das ordens religiosas no Brasil desde a colonização até o fim do período imperial. A pesquisa surgiu a partir da discussão sobre o papel das ordens religiosas na configuração da sociedade brasileira. Pretende-se demonstrar que a religiosidade teve no Brasil um papel importante para a construção sócio-política e as ordens religiosas serviram para manter a ordem e ao mesmo tempo estabelecer novas formas de vida aos habitantes locais. A análise final possibilita afirmar que a religiosidade cristã católica fez e faz parte da vida dos brasileiros.

**Palavras-chave:** Religião. Ordens religiosas. Brasil.

## Abstract

This article deals with the reality of the religious orders in Brazil from colonization to the end of the imperial period. The research emerged from the discussion on the role of religious orders in the structure of Brazilian society. We intend to demonstrate that religion had an important role in Brazil to build socio-political and religious orders have served to maintain order while establishing new forms of life for locals. The final analysis enables us to state that the Catholic Christian religion and made a part of life of brazilians.

**Keywords:** Religion. Religious Orders. Brazil.

---

---

## Introdução

A Igreja Católica, com aproximadamente dois mil anos de existência, passou por diversas provações e teve que se reinventar várias vezes para não ser extinta. Alicerçada no tripé do magistério, tradição e doutrina, a Igreja se manteve firme em seus propósitos, mesmo quando enfrentou algumas turbulências internas e externas.

Com o passar do tempo no interior da Igreja surgiram algumas instituições que desenvolveram modelos próprios para o seguimento do evangelho cristão, são o que chamamos de ordens religiosas. Muitas dessas ordens vieram ao Brasil desde o início da colonização e desenvolveram aqui um modo próprio de viver e propagar a sua fé.

Este artigo se propõe a trazer uma panorâmica da vida religiosa no Brasil, com ênfase nas ordens religiosas. Procura-se traçar um perfil das principais ordens presentes no Brasil desde a chegada dos primeiros europeus, demonstrando que a religiosidade

---

católica no Brasil não foi apenas fundamentada nos Jesuítas.

Além de apontar alguns aspectos da vida no interior das ordens e suas atividades religiosas com o povo, não se pode negligenciar a importância sócio-política que algumas tiveram.

## O Início

O primeiro registro da presença de um religioso em território brasileiro, data da chegada dos portugueses à nova terra. No estado da Bahia, desde o início da colonização, de maneira esporádica e provisória sempre passaram religiosos da ordem de São Francisco. No entanto, o relato de uma ordem estabelecida de maneira organizada e permanente no Brasil refere-se a chegada dos religiosos da Companhia de Jesus, os Jesuítas.

Os Jesuítas eram conhecidos por sua fidelidade à coroa portuguesa nos processos de colonização, mas ao mesmo tempo não se pode negligenciar seu interesse missionário de expansão da fé cristã. No Brasil, até 1580, a companhia de Jesus tinha exclusividade na atividade evangelizadora<sup>1</sup>, pois era a instituição religiosa oficial do estado português e os responsáveis pela

cristianização de todas as terras conquistadas, portanto prestavam conta à corte de qualquer empreendimento missionário a que se propunham levar em frente.

Ao desembarcar no Brasil, os membros da Companhia de Jesus tinham três campos específicos para atuarem: missionário, educativo e pastoral. Como relata AZZI,

*Os discípulos de Loyola foram enviados pela Coroa com a missão de efetuar a conversão das populações autóctones à fé cristã; diante das primeiras dificuldades, julgaram como procedimento mais eficaz iniciar a alfabetização dos filhos dos indígenas, os curumins. Por solicitação do rei, porém, tiveram logo que abrir um colégio em Salvador para a instrução dos filhos dos moradores; esse compromisso educacional tornou-se paulatinamente cada vez mais envolvente. Além disso, nos primeiros anos, os jesuítas se empenharam também num projeto de reforma moral da vida dos colonos...<sup>2</sup>*

Desde a vinda dos primeiros jesuítas ao Brasil em 1549, muitos outros chegaram nos anos seguintes. Em 1600, acredita-se que cerca de 160 já estavam estabelecidos no território colonial do Brasil, sobretudo nas regiões litorâneas, de melhor acesso. Sua participação foi crucial para a formação e organização das cidades de Salvador, Rio de Janeiro, São Vicente, entre outras,

1 SABEH, Luiz Antonio. Colonização Salmfca: os Jesuítas e a coroa portuguesa na construção do Brasil (1549-1580). 155p. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009, p. 02

2 AZZI, Riolando. A Sé primacial de Salvador: A Igreja Católica na Bahia, 1551-2001. v.1. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 83-84.

pois mesmo com um número de padres considerável, ainda era insuficiente para catequizar tanta gente, assim surgiram os aldeamentos, pois estando os indígenas em um mesmo local, eles poderiam catequizar vários indivíduos ao mesmo tempo.

Das diversas atividades desenvolvidas pelos membros da Companhia de Jesus no Brasil Colônia, uma das mais importantes, sem dúvida estava diretamente ligada ao campo educacional. Foram eles os fundadores dos mais importantes colégios do período colonial, dezessete no total. Sua metodologia de ensino era rígida com características militares de disciplina e obediência. O estudo centrava-se em quatro fases sequenciais: curso elementar, Curso de Humanidades, Curso de Artes, Ciências ou Filosofia e o Curso de Teologia. No primeiro curso eram ensinadas as primeiras noções alfabéticas e aspectos da doutrina religiosa cristã católica; o segundo tratava das disciplinas ligadas às humanidades, como gramática e retórica, sobretudo com o uso do latim, geralmente durava dois anos; no terceiro curso a disciplina mãe era a matemática, seguida da física, lógica, ética e metafísica, com duração de três anos; por fim, no quarto e mais longo período, de quatro anos, o aluno recebia o título de doutor, depois de ter estudado teologia moral e especulativa.

## 1.1 Para além dos jesuítas

Até 1580 somente os jesuítas tinham autorização para estabelecerem-se na Colônia, mas isso mudou nas seis décadas seguintes com a chegada de algumas antigas ordens religiosas fundadas ainda no período medieval. Esta “liberação”, se deu sobretudo graças a anexação de Portugal à Espanha, o que propiciou a vinda de Franciscanos, Carmelitas, Beneditinos, Mercedários e Capuchinhos.

As ordens que chegaram ao território brasileiro tinham basicamente dois objetivos principais, primeiro de expandir as suas obras em novos territórios e segundo de responder às solicitações dos habitantes locais.

*A motivação desse apelo para a vinda de religiosos do além-mar era dupla: em primeiro lugar, porque a ereção de um convento dava prestígio à localidade, facilitando assim a promoção de um povoado à categoria de vila e, por seu turno, permitindo que uma vila pudesse receber o título de cidade.<sup>3</sup>*

Os religiosos que chegavam ao Brasil eram imbuídos de autoridade moral que lhes garantia uma condição de respeito por parte da população local, que via neles, homens de oração, uma maneira de manter a estabilidade social já que seriam os representantes de

3 AZZI, Riolando. A Igreja na formação da sociedade brasileira. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008, p. 35.

uma autoridade celeste maior, pois a tradição lusitana dizia que qualquer população não poderia ser defendida apenas pelo uso de armas e fortalezas, mas também através das Igrejas e templos, ou seja, pelo poder divino. Karl Marx entendia que este processo se dava porque as religiões nada mais eram que instituições propagadoras das ideologias do poder opressor. Não é por acaso que até o século XVIII os principais edifícios eram religiosos, pertencentes principalmente aos beneditinos, franciscanos, carmelitas e mercedários. Como relata Azzi,

*Em São Paulo, o centro antigo da cidade era marcado pelo mosteiro de São Bento, no largo São Bento, pelo convento de São Francisco, no largo São Francisco e pelo convento e igreja do Carmo. A construção desses e outros conventos trazia grande prestígio aos centros urbanos em formação. Daí a disputa para tê-los, surgindo com frequência a pouca distancia um do outro.<sup>4</sup>*

A presença de instituições religiosas entre a sociedade colonial brasileira era de certa forma um consolo aos fiéis, que muitas vezes, devido à falta de padres diocesanos, ficavam devendo em suas obrigações religiosas, estes casos eram geralmente resolvidos pelos religiosos que auxiliavam atendendo confissões e pregando nos mais longínquos lugarejos da colônia,

<sup>4</sup> Ibid., p. 36.

<sup>5</sup> Ibid., p. 39.

tanto no tempo quaresmal como em outras épocas do ano, quando organizavam incursões ao interior para pregar missões e catequizar os moradores.

## 1.2 O sagrado e o feminino

Diante de uma sociedade majoritariamente masculina, as mulheres também tiveram seu espaço no meio religioso, mesmo sendo consideradas menos importantes e por isso mesmo denominadas de segunda ordem, considerando que a primeira era sempre a dos homens. Alguns grupos religiosos femininos como as franciscanas e as carmelitas chegaram e se estabeleceram no território brasileiro, embora bem mais tarde, sobretudo pela lógica social predominante.

A inserção de religiosas e consequentemente a construção de conventos no Brasil passou de repente a ser uma solicitação bastante insistente por parte de algumas famílias, pois seria uma forma de manter a virgindade de suas filhas e ao mesmo tempo afastá-las de eventuais maridos desprovidos de qualquer título de nobreza ou de condições financeiras para mantê-las.

*De fato, houve dois modelos de vida consagrada que coexistiram na sociedade colonial: um oficial, canônico, estabelecido nos mosteiros e conventos, e reservado a mulheres ricas da classe senborial luso-*

*brasileira; outro, bem mais informal e difuso, não reconhecido oficialmente, o único acessível a mulatas, negras e mesmo brancas pobres, vivido em recolhimentos, beatérios ou mesmo em casas de família, transformadas em espaço sacral.<sup>5</sup>*

Um dos fatores que justificava a repulsa do governo português em criar conventos femininos se dava pelo seu projeto de dominação colonial que ficaria enfraquecido se muitas mulheres brancas comessem a ingressar nos conventos, já que elas eram parte essencial para o “branqueamento” da nova terra. Por outro lado, as famílias nobres continuavam insistindo nas fundações, pois no caso delas era uma garantia de solução para os problemas de ordem social, moral e política.

Ao ingressar em um convento, a jovem passava a viver não mais somente sob a vigilância das leis estatais, mas também eclesiásticas e patriarcais. No convento a jovem não tinha acesso ao exterior, exceto em momentos de visitas monitoradas e separadas por estruturas que impediam qualquer contato corporal. Os conventos eram verdadeiras fortalezas, com espessas paredes envoltas por altos e resistentes muros, portanto a jovem interna tinha uma vida totalmente voltada à oração e até o seu traje diário seguia rígidos padrões estabelecidos por cada ordem, mas que basicamente cobria todo o seu corpo.

### 1.3 O “encanto” da vida religiosa

A vida religiosa durante o período colonial também passou a ser objeto de desejo de muitos jovens, pois ela possibilitava uma maneira interessante de ascensão social, já que as ordens religiosas receberam no decorrer do século XVIII importantes doações da nobreza local, além de contribuições da própria coroa portuguesa.

Há relatos de que os carmelitas tornaram-se grandes proprietários de terras no Pará, chegando a ter em 1784 seis grandes fazendas. Tem-se notícia também que os mercedários tornaram-se grandes criadores de gado na ilha de Marajó. Hoornaert relata que,

*O século XVIII marca o período da grande expansão da ordem franciscana. Mesmo após a expulsão dos jesuítas, ainda por vinte anos tiveram eles um grande surto no Brasil. Mas de 1780 em diante já se observavam os sinais de decadência na ordem.<sup>6</sup>*

A questão da escravidão também parece ter sido um problema para as ordens religiosas, até mesmo os franciscanos e capuchinhos com seu voto de pobreza, usufruíam de braços escravos doados pelos fiéis a São Francisco e a Santo Antonio. Mas a utilização de trabalho escravo, não era um privilégio das ordens masculinas, os conventos

<sup>6</sup> HOORNAERT, Eduardo. História da Igreja no Brasil: Ensaio de interpretação a partir do povo: primeira época, período colonial. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 220.

femininos também contavam com o trabalho de escravos, geralmente doados pelas famílias das internas. Aliás, a questão da escravidão merece destaque nos estudos sobre a Igreja Católica no Brasil, pois ela não tem, como muitas vezes se quer atribuir, mérito quanto a abolição de escravos no território brasileiro, como afirma Matos, *na maioria das vezes, preferia uma posição de neutralidade a fim de não se comprometer. Assim, o abolicionismo no Brasil foi antes uma campanha humanitário-social do que religiosa*<sup>7</sup>.

Ainda seguindo a lógica da busca laica pelos benefícios da vida religiosa, começam a surgir no Brasil as ordens terceiras, geralmente vinculadas a uma ordem primeira, como os franciscanos por exemplo. A primeira ordem terceira fundada no Brasil que se tem notícia foi estabelecida no final do século XVI em Olinda.

A principal função destas ordens era a de promover e difundir uma determinada devoção, por isso utilizavam-se de imagens escolhidas pelos leigos, que também estavam preocupados sempre em erguer uma pequena capela para os seus cultos.

Neste período, além da construção de conventos, igrejas e outros templos religiosos, também se

populariza a adoção de nomes de alguns santos para o batismo das crianças, como forma de proteção e também de prestar homenagem.

#### 1.4 A romanização da igreja do Brasil e os religiosos

As ordens religiosas, mesmo com um número de membros muito reduzido e de maneira bastante discreta, deram também sua contribuição para a reforma da Igreja Católica no Brasil, mesmo em um período de decadência dessas instituições, onde o ardor missionário dos que vieram primeiro eram postos a prova e seus templos valiam mais pelo valor cultural para a sociedade da época do que como ponto de reflexão religiosa, com raras exceções, este também era o modo de pensar de muitos religiosos, altamente ligados aos delírios dos bens materiais onde o evangelho era secundário.

Este declínio das ordens religiosas na segunda metade do séc. XIX tem muito a ver com a maneira como elas eram vistas pela hierarquia imperial, pois segundo Vieira,

*D. Pedro II jamais manifestara simpatia pelas ordens contemplativas, apesar de aparentar certa consideração por algumas de vida ativa,*

7 MATOS, Henrique Cristiano José. Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. 2.ed. Tomo 02. São Paulo: Paulinas, 2010, p.178.

8 VIEIRA, Dilermando Ramos. O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926). Aparecida, SP: Santuário, 2007, p. 151.

*como os lazaristas, chegados em 1819. O que ele deixava transparecer é que queria religiosos que cuidassem de escolas e hospitais – apenas.*<sup>8</sup>

Com um estado não muito preocupado em contribuir para uma vida religiosa de acordo com os preceitos da Santa Sé, os conventos foram aos poucos perdendo a disciplina e a obediência, assim a escolha de novos membros já não atendia mais aos rígidos critérios de admissão. Além disso, religiosos que viviam tomando conta de fazendas nos mais longínquos rincões do Brasil, estavam longe dos olhos de seus superiores, com isso aspectos da vida mundana ligados à luxúria e aos prazeres da carne passaram a fazer parte de seu cotidiano.

A posição de indiferença do estado perante a degeneração da vida religiosa no Império brasileiro e sua posição ambígua ao tratar do assunto se deve à relação estreita entre as duas esferas de poder, Igreja e Estado, pois, se por um lado havia crítica ao modo de vida de alguns religiosos, por outro não se permitia correções por parte dos superiores destes religiosos, uma vez que era de interesse do corpo político imperial que os religiosos adquirissem cada vez mais propriedades a partir das doações realizadas pelos fiéis.

Este jogo de interesses presente na relação entre o Estado e a Igreja sempre esteve carregado de

simbologia que garantiam a manutenção de uma estrutura dominante. Estes símbolos tornam-se elementos indispensáveis na compreensão da cultura e da sociedade. Pierre Bourdieu em sua obra explica que, *o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem*<sup>9</sup>. Bourdieu utiliza esta frase para descrever o cuidado com algo que está em toda a parte e muitas vezes é ignorado.

O entendimento do poder simbólico parece ser imprescindível no pensamento de Bourdieu, sobretudo no que diz respeito às ciências sociais, pois a utilização das estruturas simbólicas na leitura do mundo e a consequente necessidade da sua teoria na discussão de assuntos relacionados à educação, cultura, arte, literatura e religião, trazem consigo a reflexão sobre a relação de força entre os agentes que permitem encontrar um sentido para uma determinada realidade.

Para Bourdieu, *o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social)*...<sup>10</sup>. Portanto, para compreender os fatos de uma determinada sociedade, é necessário entender as estruturas existentes e as relações da comunidade com esta estrutura, pois o conjunto simbólico é, na maioria das vezes, produzido para satisfazer os anseios de

9 BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 08.

10 Ibid., p. 09.

uma classe dominante, por isso a importância de uma interpretação minuciosa desta simbologia. Partindo deste pressuposto, Bourdieu destaca que,

*a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante<sup>11</sup>*

Essas relações de comunicação são portanto relações de poder determinadas pelo poder simbólico acumulado e os sistemas atuam como instrumentos estruturados e estruturantes de disseminação de conhecimento, assegurando assim a legitimação do pensamento de uma ou mais instituições dominantes.

Partindo do pressuposto que as duas esferas do poder, Igreja e Estado, detinham o controle do poder simbólico, é natural que não tivessem interesse em interferir uma na estrutura da outra, pois não gostariam de ter seus interesses contestados.

Mesmo diante deste impasse ideológico, em maio de 1855, o estado, através de seu ministro da justiça, Joaquim Aurélio Thomaz Nabuco de Araújo, dá um ultimato às ordens religiosas, *Sua Magestade o Imperador há por bem cassar as licenças concedidas para a entrada de noviços nessa Ordem Religiosa até que seja resolvida a*

*concordata que a Santa Sé vai ao Governo propor<sup>12</sup>*. Referia-se o ministro à proposta da Santa Sé de reorganização da vida religiosa de acordo com a Igreja de Roma.

Como consequência desta medida e da impossibilidade de fazer com que o Imperador mudasse de opinião, os conventos aos poucos foram sendo esvaziados.

Buscando alternativas para o ingresso de novos noviços para as ordens brasileiras, tentou-se enviar jovens brasileiros para estudar em instituições estrangeiras, com o intuito de que depois de formados, voltassem ao Brasil e pudessem exercer suas funções religiosas. No entanto, logo o governo imperial se deu conta do que estava acontecendo e tratou de proibir esta prática, declarando que nenhum brasileiro, professor no exterior, poderia exercer sua função no Brasil quando retornasse, isso legitimava a proibição aos religiosos.

Este movimento imperial para dificultar o aumento do número de religiosos no território brasileiro, se deu em grande parte pela possibilidade de anexação dos bens dos religiosos ao poder público, interesse deixado muito claro em uma circular datada de 15 de março de 1853 que dizia que *em conformidade com a legislação em vigor sobre vagos, estes seriam incorporados ao domínio do Estado.*<sup>13</sup>

11 Ibid., p. 11.

12 NABUCO, Joaquim. Um Estadista do Império. Tomo I. [S.L.: s.n.], p. 306.

13 Ibid., p. 156.

### 1.5 Novas ordens chegam ao Brasil

Durante o século XIX, devido aos grandes embates entre os diversos setores ligados à Igreja Católica no Brasil, as antigas ordens remanescentes do período colonial não aceitavam exercer suas funções religiosas em conformidade com as dioceses locais, o que causou algumas discussões públicas entre bispos e regulares. Tais discussões tinham como origem basicamente duas questões: a primeira centrava-se no fato das antigas ordens, como os carmelitas, já terem se integrado ao sistema regalista e simplesmente não aceitavam novas ordens, enquanto a segunda estava diretamente ligada ao fracasso da tentativa reformista.

Esta discussão foi crucial para o ingresso de novas ordens religiosas no território brasileiro. Mesmo assim, cabe destacar que algumas não aceitaram ingressar aos trópicos num primeiro momento, como os redentoristas, por exemplo, que recusaram um convite de trabalho com os índios brasileiros. Outras, porém, viram com bons olhos a possibilidade de expansão, sobretudo para o Brasil, onde certamente teriam um campo fértil de trabalho e missão, cada uma a partir do seu próprio carisma. Dessa forma chegaram aos

portos do país os salesianos, os dominicanos, os lazaristas e regressaram os jesuítas<sup>14</sup>.

Em sua volta ao Brasil, os Jesuítas sofreram vários ataques, sobretudo por parte dos padres regalistas, que os acusavam de estarem clandestinamente no País, uma vez que com a independência, o Brasil não havia abolido a legislação portuguesa, mesmo assim a companhia continuou crescendo.

Outro grupo que se destacou neste período foram os dominicanos, que estabeleceram-se na região de Uberaba em Minas Gerais. Vindos da França em 1881, os dominicanos logo chegaram a então capital de Goiás e cinco anos mais tarde já erigiram um convento a cerca de 900 quilômetros de lá. Seu trabalho principal estava voltado às grandes incursões de missões populares, sempre cumprindo o rigor sacramental, base de sua espiritualidade.

Seguindo o projeto de reestruturação da religiosidade e da vida religiosa no Brasil, em 1883 chegam ao Rio de Janeiro e são recepcionados por Dom Pedro Maria de Lacerda, os primeiros missionários enviados por Dom Bosco – os salesianos – que logo seguiram para a nova residência em Niterói.

14 Os Jesuítas foram expulsos do Brasil no ano de 1757, como consequência da reforma iniciada pelo Marques de Pombal. Os principais argumentos para sua expulsão afirmavam que os membros da Companhia de Jesus não colaboravam com as questões governamentais, incitando a população contra o governo e ainda realizavam comércio ilegal. In: VIEIRA, Dilermando Ramos. O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926). Aparecida, SP: Santuário, 2007, p. 23.

No Brasil, os missionários logo viram o tamanho do desafio que os esperava, pois vivia-se um período de intenso êxodo rural, escravidão, sérios problemas de saúde e o árduo anticlericalismo. Os precursores, no entanto, viram nos desafios uma grande oportunidade de colocar em prática os ensinamentos de Dom Bosco e através da missão proposta pelo Santo da Juventude, começaram o trabalho de educação e evangelização junto aos jovens, especialmente aqueles que mais necessitavam.

Com um projeto bem elaborado, muita vontade de crescer e com o apoio dos bispos, os salesianos se fortaleceram cada vez mais no novo território, ainda em 1883 fundaram em Niterói o colégio Santa Rosa, em 1884 fundaram o colégio Sagrado Coração de Jesus em São Paulo e nos anos seguintes foram os precursores de uma tipografia voltada à publicação de livros entre o povo. Daí em diante, a ordem salesiana foi se expandindo e consolidando-se cada vez mais.

Uma das primeiras ordens a se estabelecer no Brasil no início do séc. XIX foi a Congregação da Missão dos padres vicentinos. Os primeiros membros chegaram em 1819 e se estabeleceram num primeiro momento na diocese de Mariana. Eram dois padres vindos de Portugal, Pe. Leandro R. P. de Castro e Antonio Ferreira Viçoso. Em 15 de abril de 1820, ambos

assumiram a propriedade do Caraça, confiada a eles pelo próprio D. João VI, este período é conhecido como o período português da CM no Brasil que durou até 1848 quando os coirmãos franceses assumiram a obra. Estes dois primeiros padres são considerados também os fundadores da Província Brasileira da Congregação da Missão, com sede no Rio de Janeiro.

Os vicentinos, ou lazaristas como eram conhecidos, não tiveram vida fácil em seu início nas terras brasileiras, pois precisavam lutar contra as revoluções liberais neste território e ainda resolver conflitos de ordem interna da Instituição a nível mundial, mas isso, apesar de retardar o avanço institucional no Brasil não impediu que eles fossem um importante instrumento de romanização da Igreja católica no Brasil.

*Na segunda metade do século XIX, os Padres da Missão tornaram-se os grandes formadores dos seminaristas brasileiros, apesar da direção da casa formativa da Bahia ter sido abandonada em 1862. A atuação continuou porém, noutras frentes.<sup>15</sup>*

Ao se falar na história e importância dos padres vicentinos no Brasil, sobretudo no período imperial, é inevitável não falar do papel fundamental das Irmãs Vicentinas, conhecidas como Filhas da Caridade, também fundadas por São Vicente de Paulo. Elas chegaram ao Brasil em 1849, a pedido do então bispo

15 VIEIRA, Dilermando Ramos. O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926). Aparecida, SP: Santuário, 2007. p. 166.

lazarista Dom Viçoso e em pouco tempo tornaram-se a maior e mais importante instituição religiosa feminina do Brasil imperial.<sup>16</sup>

Além das ordens religiosas masculinas, também vieram e tiveram uma importante participação, as ordens femininas, que mesmo em meio as grandes dificuldades encontradas exerceram suas funções com maestria em um período dominado pelos homens. Uma das alternativas encontradas por estas ordens foi a criação dos recolhimentos, conforme o modelo trazido de Portugal, onde as mulheres viviam de maneira comunitária, no entanto não professavam votos ou tinham qualquer envolvimento canônico hierárquico. Também criaram os reformatórios<sup>17</sup>, que eram instituições fundadas por homens com o objetivo de correção.

O fato é que a vida religiosa feminina no período imperial não foi de forma alguma facilitada e os poucos conventos que de fato existiam estavam dotados de uma mentalidade que não condizia com os conventos europeus, pois tendo como maioria a presença de mulheres provenientes de famílias nobres, elas sequer realizavam as tarefas mais simples e elementares de suas vidas, para isso,

quase sempre mantinham mão de obra escrava ao seu dispor.

Diante de tamanha improbidade aos olhos do clero reformador, começam a chegar da Europa novos modelos de vida religiosa feminina mais voltados ao serviço educacional e ao tratamento dos enfermos. Chegam ao Brasil num primeiro momento a partir de meados do século XIX as já citadas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, Irmãs de São José de Chambéry, Irmãs de Santa Dorotéia de Frassinetti, Irmãs Franciscanas da penitência e da caridade cristã, Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, entre outras.

As Filhas da Caridade chegaram em 1849 e iniciaram seus trabalhos em Mariana, MG, em seguida fundaram um convento conhecido como Casa da Providência e daí em diante expandiram-se para vários outros lugares do Brasil.

Outra instituição de grande importância para a educação religiosa a chegar ao Brasil Imperial, foi a congregação das irmãs de São José de Chambéry. Vindas da França, seu trabalho estava concentrado primeiramente no atendimento das meninas, sobretudo das escravas, mas logo se

<sup>16</sup> Ibid., p. 171.

<sup>17</sup> Os reformatórios eram locais de correção para as mulheres que ousavam desafiar a autoridade de seus pais e/ou maridos, eram de certa maneira um instrumento de segregação.

espalhou para o cuidado dos doentes também, dirigindo inclusive a Santa Casa de Misericórdia de Itú em 1867 e São Paulo em 1872. Além do seu trabalho missionário, as irmãs de Chambéry foram imprescindíveis para a devoção ao Sagrado Coração de Jesus no Brasil, organizando a guarda de honra ao Sagrado na primeira sexta-feira de cada mês.

Entre as instituições religiosas femininas do período imperial, provavelmente as que encontraram maiores dificuldades políticas por conta dos regalistas foram as Dorotéias de Frassinetti. Instaladas em Olinda, viram a questão religiosa de 1873 quase extingui-las totalmente, mas conseguiram manter seu trabalho junto ao educandário e até expandiram-se para o norte do Brasil, fundando uma casa em Belém do Pará, em 1875.

Entre as congregações chegadas, uma das únicas a não ter sido solicitada por um bispo, foi a das Irmãs franciscanas da penitência e da caridade cristã. Estas foram chamadas pelo superior jesuíta das missões riograndenses, que gostaria de contar com sua colaboração para o trabalho com as

crianças filhas de imigrantes alemães, mesmo a ordem sendo de origem holandesa.

Num primeiro momento a superiora das irmãs que estava na Alemanha relutou em enviar suas pupilas, no entanto, a luta cultural<sup>18</sup> imposta por Bismarck naquele país, fez ela repensar a decisão e em 1872 chegaram a Porto Alegre o primeiro de inúmeros grupos de irmãs que por lá iriam se instalar. As irmãs fundaram diversas casas e colégios, expandindo-se rapidamente por todo o território riograndense.

A congregação das irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, teve uma atuação mais restrita ao triângulo mineiro e o estado de Goiás, prestando um importante serviço aos doentes e às crianças do educandário.

Talvez o fato mais relevante da chegada das novas congregações ao Brasil, tenha sido a inserção de um novo modelo de vida religiosa, não mais centrado nas regalias, mas no serviço aos mais necessitados. Este novo espírito religioso e eclesial, parece ter contagiado as antigas ordens e tem início um importante processo de renovação e reorganização religiosa.

18 Esta luta cultural ficou conhecida na década de 1870 como *kulturkampf* e consistia no conflito entre os católicos alemães e o príncipe Otto von Bismarck-Schönhausen, principal responsável pela unificação alemã. In: CHADWICK, Henry; EVANS, G. R. Igreja Cristã. Barcelona: Folios, 2007, p. 141.

## Considerações Finais

A partir do texto exposto acreditamos ser possível afirmar a importância das ordens religiosas para a formação e consolidação do catolicismo brasileiro. Além disso, ficou claro a inter-relação entre as ordens religiosas e o Estado, as ordens e a escravidão e o papel das mulheres neste processo.

Destacamos também que a inserção das ordens favorecia a estabilidade social, seja pela vida no interior dos conventos, seja pela assistência social e espiritual

dos habitantes locais, mas também é preciso dizer que em alguns momentos as ordens é que foram influenciadas pela sociedade local.

Foi possível observar que as ordens que vieram ao Brasil tinham objetivos bem claros de conseguir novos campos de evangelização, mas não só, pois também almejavam crescer enquanto estrutura institucional perante a hierarquia religiosa.

Por fim, entendemos que este artigo pode ser um ponto de partida para discussões sobre o pensamento religioso no Brasil.

## Referências

- AZZI, Riolando. *A Igreja na formação da sociedade brasileira*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008.
- \_\_\_\_\_. *A Sé primacial de Salvador: A Igreja Católica na Bahia, 1551-2001*. v.1. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja no Brasil: Ensaio de interpretação a partir do povo: primeira época, período colonial*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. 2.ed. Tomo 02. São Paulo: Paulinas, 2010.
- NABUCO, Joaquim. *Um Estadista do Império*. Tomo I. [S.L.: s.n.].
- SABEH, Luiz Antonio. *Colonização Salvífica: os Jesuítas e a coroa portuguesa na construção do Brasil (1549-1580)*. 155p. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- VIEIRA, Dilermando Ramos. *O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)*. Aparecida, SP: Santuário, 2007.